

ANÁLISE ICONOGRÁFICA: UM CAMINHO METODOLÓGICO DE PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Iconographic Analysis: a research method for the History of
Education

Terezinha Oliveira

Doutora em História pela UNESP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEM.

Meire Aparecida Lóde Nunes

Graduada em Educação Física e Mestranda em Educação pela UEM.

Programa de Pós-Graduação em Educação

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Maringá – PR - Brasil

Endereço

Rua: Floriano Peixoto, 436, apto. 401

Zona 7 – Maringá – PR

CEP: 87.030-030

E-mails

teleoliv@gmail.com

meirelode@hotmail.com

Artigo recebido em 16/04/2010

Aprovado em 07/05/2010

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar a análise de imagens como uma proposta metodológica para o desenvolvimento de pesquisas no campo da História da Educação. A abordagem é constituída, em primeiro lugar, pela delimitação metodológica dentro da história, pois essa será determinante para a consolidação das reflexões acerca das fontes imagéticas. Nesse sentido, são apresentadas as perspectivas da História Social e das Mentalidades. No que consiste, especificamente, na análise de imagens, o pensamento de Panofsky constitui o centro da reflexão. Por meio dessas reflexões, entende-se a análise de imagens como uma possibilidade de pesquisa em História da Educação.

PALAVRAS-CHAVE: História da Educação. Análise iconográfica. Imagem. Metodologia.

ABSTRACT

This article presents the analysis of images as a methodological proposal for carrying out research in the field of History of Education. The approach consists, firstly, of methodological delimitation within History, as this will be decisive for consolidating reflections on the sources of imagery. In this sense, it presents the perspectives of Social History and Mentalities. In the analysis of images, the reflection focuses on the thinking of Panofsky. Through these reflections, the analysis of images is understood as a possibility of research in the area of History of Education.

Keywords: History of Education. Iconographic Analysis. Image. Methodology.

INTRODUÇÃO

O momento de traçar o caminho metodológico é crucial no desenvolvimento de qualquer estudo. Ele determinará a compreensão das leituras, o desenvolvimento das reflexões, bem como é fundamental para as suas conclusões parciais e finais. Por isso, a falta de clareza metodológica poderá conduzir a pesquisa a caminhos indesejáveis. Essa questão é explícita na obra do mestre medieval Hugo de Saint Victor (1096-1141), que, já no Século XII, ressaltava a importância do método ordenado para se chegar à sabedoria, pois “Aquele que trabalha sem método, trabalha muito, sim, mas, não avança e, como a chicotear o ar, espalha as forças ao vento” (HUGO DE SAINT VICTOR Livro V, cap. 5).

Dessa forma, o mestre Vitorino nos ensina que todo o trabalho sem método é desperdício de tempo e de intelecto. Entendendo a importância desse ensinamento é que desenvolveremos esse texto, que tem por objetivo geral apresentar a análise de imagens como possibilidade metodológica de pesquisa em História da Educação.

Contudo, para que possamos utilizar as imagens como fonte de pesquisa, precisamos organizar nosso método. A exemplo de Hugo de Saint Victor que, ao explicar que, para a leitura levar ao conhecimento, é preciso primeiro escolher o que ler, depois a ordem do que vai ser lido e, por último, como deverá ser a leitura, buscamos, nesse momento, direcionar nossa atenção para a forma como as imagens devem ser lidas. Com o intuito de sistematizar e legitimar nossa abordagem, apresentamos, primeiramente, a perspectiva histórica como procedimento de análise das imagens na área da Educação.

No início do Século XX, Marc Bloch e Lucien Febvre dedicavam-se à efetivação de uma nova forma de pesquisa em história. A proposta dos autores encaminhava-se para uma maior amplitude metodológica, o que veio a favorecer a constituição da História Social. Dentro dessa perspectiva, o meio que envolve o homem passa a ser objeto de estudo, pois esse influenciará a forma de pensar, agir, assim como as suas criações materiais. Nesse cenário, as imagens deixadas pelas diferentes sociedades revelam muitas informações a seu respeito, como nos informa Schimitt (2007, p. 11)

Todas as imagens, em todo o caso, tem sua razão de ser, exprimem e comunicam sentidos, estão carregadas de valores simbólicos, cumprem funções religiosas, políticas ou ideológicas, prestam-se a usos pedagógicos e mesmo mágicos. Isso quer dizer que participam plenamente do funcionamento e da reprodução das sociedades presentes e passadas. Em todos os aspectos, elas pertencem ao território de ‘caça’ do historiador.

Quando entramos no campo específico da História da Educação, direcionamos nosso olhar para as diferentes maneiras como os homens foram educados em cada período histórico. A educação está vinculada com o pensamento de homem e de sociedade que se constitui em cada período histórico. Relacionamos, então, essa questão com a definição de imagem apresentada por Schimitt (2007, p. 12): “Pelo termo ‘imagem’, designamos em todos os casos a representação visível de alguma coisa ou de um ser real ou imaginário”. A partir dessa definição, podemos entender que o termo imagem pode ser no âmbito material ou no mental. O pensamento constitui o que podemos chamar de imagem mental, a qual é condição para a constituição da imagem material: antes de o pintor pintar o quadro, por exemplo, ele cria mentalmente a imagem que deseja registrar com seu pincel. No decorrer desse processo, os valores e os ideais participam da criação da imagem mental, que se reverterá em material, ou visível.

Face ao exposto, a construção desse texto tem como intuito apresentar a maneira como o homem constituiu o olhar que se lança às imagens que registram a história, seus movimentos, pois a análise imagética é sempre resultado do método em que a pesquisa foi estruturada.

ABORDAGEM HISTÓRICA

Como já salientamos, nosso olhar para com a imagem insere-se no campo da História da Educação e, para realizar nossas reflexões, delimitamos o caminho histórico que possibilita o uso de reflexões imagéticas e apresentamos alguns fundamentos da História Social.

Segundo Castro (1997), é impossível a menção a História Social sem uma referência ao movimento dos *Annales* (1929). Para a autora, o movimento dos *Annales* é a expressão da ruptura com a historiografia tradicional fundamentada nas abordagens de Leopold Ranke (1795-1886), ou da Escola Científica Alemã. Em oposição à observação objetiva dos fatos, característica dessas abordagens, Bloch e Febvre, fundadores do movimento e da revista dos *Annales*, propunham “[...] uma história problema, viabilizada pela abertura da disciplina às temáticas e métodos das demais ciências humanas, num constante processo de alargamento de objetos e aperfeiçoamento metodológico” (CASTRO 1997, p. 76-77).

Essa proposta permitia uma maior amplitude dos métodos e abordagens da pesquisa histórica e, assim, influenciou vários métodos de pesquisa, dentre eles o da História Social. Castro ressalta também que, mesmo diante dos embates e dos diferentes posicionamentos em relação à pesquisa, nenhum historiador discorda de Duby, para quem “[...] o homem em sociedade constitui o objeto final da pesquisa histórica” (DUBY *apud* CASTRO, 1997, p.77). Esse pensamento faz com que a História Social seja entendida como um alargamento do interesse histórico e dos objetos estudados.

Duby (1999) elucida que, no Século XVIII, começou a se constituir uma consciência de que o modo de pensar, assim como os costumes e o modo de vida das pessoas, não foi sempre igual em todos os momentos históricos. Para o autor, o meio que envolve o indivíduo é determinante para entender seu pensamento e, conseqüentemente, sua ação. Assim, as formas como os homens se organizavam, bem como as relações existentes entre eles, tornam-se objeto de pesquisa para os historiadores. Duby indica Lucian Febvre como quem favoreceu essa abordagem dentro do campo da história, pois:

[...] libertou-se de uma concepção limitada aos acontecimentos históricos e sentiu a necessidade de uma estreita colaboração com outros observadores dos fenômenos humanos; especialmente atento à psicologia, através da orientação das suas pesquisas para a história das idéias e das crenças, proclamou também em 1922 a superioridade de uma história social: ‘não o homem, nunca o homem, as sociedades humanas, os grupos organizados’. (DUBY, 1999, p. 15-16).

Duby esclarece que, a partir de então, a História Social possibilitou o surgimento de várias abordagens distintas, dentre elas a História das Mentalidades¹.

A História das Mentalidades sofreu tantas críticas que poucos historiadores admitem ser seus adeptos. Segundo Vainfas (1997, p. 191), apesar do desgaste da noção de mentalidades, existe um

[...] extraordinário vigor dos estudos sobre o mental, ainda que sob novos rótulos e com outras roupagens. A bem da verdade, as mentalidades prevaleceram e continuam a inspirar inúmeros programas de pesquisa em diversos países — e não só na França —, não obstante a assimilação das críticas que há mais de 20 anos têm sido feitas a esse campo do saber histórico.

Dessa forma, as propostas de abordagens históricas que têm as reflexões acerca do imaginário: da forma de pensar, não de um indivíduo, mas de um grupo que pode ser traduzido como a alma coletiva de um povo, constituem uma possibilidade de fundamentação para o trabalho com imagens. Essa afirmação ganha proporções mais significativas quando estudamos os procedimentos referentes à análise das imagens, como veremos a seguir.

Dentre os autores nos quais nos apoiamos para refletir acerca das possibilidades de tratamento das imagens, destacamos Francastel (1993). Sua proposta vai além de uma classificação descritiva. Ele propõe uma abordagem da arte, ou da imagem, que tente “[...] apreender realidades estéticas numa perspectiva de reconstituição das mentalidades do passado” (FRANCASTEL 1993, p. 08). Conforme esse autor, uma proposta metodológica

[...] só possui significado se nos permite, graças à análise precisa de certas obras consideradas como produto de uma atividade original do espírito, enriquecer os dados fundamentais em função dos quais se elaboram uma história e uma cultura do mundo moderno. (FRANCASTEL, 1993, p. 07).

Com base nessas premissas, delineamos os aspectos que compõem nossa investigação. O primeiro ponto a ser considerado é o de que a imagem, como produto social, é decorrente da mentalidade coletiva. Sua compreensão favorece o conhecimento acerca de muitas questões que foram relevantes nos diferentes contextos sociais. Mas como retirar das imagens as informações necessárias para atingir esse objetivo?

Para responder a essa indagação, mencionamos um procedimento que, a nosso ver, é condição para a pesquisa histórica: o questionamento. Em March Bloch (1974, p. 60), encontramos o fundamento dessa afirmação: “[...] os textos, ou os documentos arqueológicos, mesmo os mais claros na aparência e os mais condescendentes, só falam quando se sabe interrogá-los”. Contudo, considera a possibilidade de, ao se questionar uma fonte, em razão do desejo por uma dada resposta, o pesquisador pode distorcer, mesmo que inconscientemente, os fatos. Essa preocupação com a maneira de questionar as fontes aplica-se a todas elas, inclusive à que foi selecionada como objeto deste estudo, as imagens. Por isso, é necessário abordar as questões específicas do uso das imagens como fonte de pesquisa histórica.

A ANÁLISE DE IMAGENS

A análise de imagens requer um tratamento específico. Portanto, chamamos ao debate Panofsky (1892-1968), conhecido por sua proposta sistematizada de pesquisa em arte e por ter feito parte do grupo mais famoso de estudos iconográficos do Século XX, juntamente com Aby Warburg (1866-1929), Fritz Saxl (1890-1848) e Edgar Wind (1900- 1971), além do filósofo Ernest Cassier (1874-1945), como nos informa Burke (2004).

Dentre os integrantes desse grupo, Ginzburg (2003) dá os créditos pela fundação, inicialmente, da Biblioteca e, posteriormente, do Instituto Warburg ao próprio Warburg e Saxl. Aby Warburg e seus seguidores dedicaram-se ao estudo das testemunhas figurativas como fontes históricas, direcionados pelas preocupações de entender o significado da influência da Antiguidade na civilização renascentista, como se pode observar em um excerto retirado da obra de Ginzburg.

Como se sabe, para resolver o problema do significado que a arte da Antiguidade teve para a sociedade florentina do século XV, Warburg serviu-se de uma documentação no mínimo variada, ou melhor, visivelmente heterogênea. Testamentos, cartas de mercadores, aventuras amorosas, tapeçarias, quadros famosos e obscuros – como escreve Bing, Warburg ensinou ‘que se pode fazer ouvir vozes humanas articuladas também a partir de documentos de pouca importância’ talvez catalogados entre as ‘curiosidades’ capazes de interessar apenas aos historiadores dos costumes. Dessa forma, Warburg quis reconstruir o elo entre as figurações e as exigências práticas, os gostos, a mentalidade de uma sociedade determinada – a sociedade florentina da segunda metade do século XV. (GINZBURG, 2003, p. 45-46).

O centro dos estudos warburguanos era em Hamburgo, na Alemanha, porém, com a tomada do poder pelos nazistas, foi transferido para a Inglaterra com Saxl e Wind; Panofsky emigrou para os Estados Unidos. O desmembramento do grupo fez com que o método de estudo iconográfico fosse mais conhecido.

Panofsky publicou em 1939 uma síntese dos estudos de imagens do grupo de Hamburgo. O autor procura distinguir dois termos muito usados nas pesquisas imagéticas, que são: iconografia e iconologia. Muitas vezes esses termos são usados como sinônimos, mas, embora ambos tratem da análise de imagens e possam orientar uma mesma pesquisa, seus objetivos são distintos. Panofsky (2007) remete-se a três abordagens em estudos de imagens.

A primeira delas, definida pelo autor como pré-iconográfica, limita-se aos motivos (linhas, cores e volumes) e requisita apenas as experiências práticas que tornam possíveis a qualquer pessoa “[...] reconhecer a forma e o comportamento dos seres humanos, animais e plantas, e não há quem não possa distinguir um rosto zangado de um alegre” (PANOFSKY 2007, p. 55). No entanto, ele ressalta que, quando as conclusões fogem do alcance das nossas experiências práticas, torna-se necessário ampliá-las por meio de pesquisas em livros ou em qualquer outro veículo de informação. Quando isso ainda não assegura a exatidão da análise, surge a necessidade de se considerar o *lócus* histórico. Sobre essa questão, Panofsky (2007, p. 58) observa:

Embora acreditemos estar identificando os motivos com base em nossa experiência prática pura e simples, estamos, na verdade, lendo ‘o que vemos’, de conformidade com o modo pelo qual os objetos e fatos são expressos por formas que variam segundo as condições históricas.

O conhecimento que garante o reconhecimento do local histórico é apontado pelo autor como a História do Estilo, que propicia a “[...] compreensão da maneira pela qual, sob diferentes histórias, objetos e eventos foram expressos pelas formas” (PANOFSKY 2007, p. 65). Nessa perspectiva, a

contextualização ganha nível de relevância ainda maior, pois se apresenta como condição necessária para a orientação da pesquisa com base em imagens.

A segunda abordagem é a da Iconografia que, segundo Panofsky (2007, p. 53), é um ramo da História da Arte que tem um “[...] método de proceder puramente descritivo, ou até mesmo estatístico. A iconografia é, portanto, a descrição e classificação das imagens [...]”. Como trata de imagens, estórias e alegorias, a análise iconográfica, mais do que as experiências práticas, requer uma familiaridade com conceitos e temas específicos que podem ser adquiridos por meio de fontes literárias. Contudo, o autor ressalta que as fontes literárias não asseguram a exatidão da análise e sugere a investigação em outras imagens para esclarecer pontos que permanecem obscuros depois da leitura. Essa investigação, nomeada pelo autor como História dos Tipos, visa à “[...] compreensão da maneira pela qual, sob diferentes condições históricas, temas ou conceitos foram expressos por objetos e eventos” (PANOFSKY 2007, p. 65).

A terceira abordagem é denominada de Iconologia. Esse termo deve ser adotado quando a obra é entendida como um documento que evidencia a personalidade do artista ou de uma civilização. Nesse sentido, as obras revelam, em conformidade com a expressão usada pelo autor, ‘algo a mais’, que seria o conteúdo da imagem. A análise iconológica se caracteriza pela investigação dos significados intrínsecos, ou do conteúdo. O conteúdo de uma obra pode revelar “[...] a atitude básica de uma nação, de um período, classe social, crença religiosa ou filosófica – qualificados por uma personalidade e condensados numa obra” (PANOFSKY 2007, p. 52). O autor ainda ressalta que

A descoberta e interpretação desses valores ‘simbólicos’ (que, muitas vezes, são desconhecidos pelo próprio artista e podem, até, diferir enfaticamente do que ele conscientemente tentou expressar) é o objeto do que se poderia designar por ‘iconologia’ em oposição à ‘iconografia’. (PANOFSKY 2007, p. 53).

Na análise iconológica, requisita-se a intuição sintética, a qual é definida por Panofsky (2007, p. 65) como “[...] familiaridade com as tendências essenciais da mente humana”. No entanto, como as demais formas de abordagem, esta também não assegura a exatidão. Assim, recorre-se à história dos sintomas culturais ou símbolos, que é descrita pelo autor como uma forma de compreender tendências essenciais da mente humana, as quais foram evidenciadas por temas e conceitos específicos de acordo com as condições históricas.

Contudo, não desconhecemos as lacunas da proposta de Panofsky, muitas vezes criticada. Ao pontuá-la como fundamentação para o tratamento das imagens, sabemos dos riscos que todos aqueles que se propõem a trabalhar com as fontes imagéticas correm, pois a variedade de possibilidades e abrangências que essas fontes oferecem é indescritível. Assim, apresentamos, na sequência, algumas considerações fundamentais sobre os cuidados necessários no tratamento das fontes imagéticas.

Submetidos aos estudos históricos, os vários elementos de que se compõem as imagens apresentam-se como códigos a ser decifrados de forma que a totalidade de seu conteúdo se apresente de maneira harmoniosa. Quanto a isso, Ginzburg (1989) compara o material analisado a um quebra-cabeça, no qual cada parte deve ser encaixada perfeitamente, sem que nenhuma fique sobrando. Ou seja, todas, mesmo as mais simples, são fundamentais para a visibilidade da composição. Com base em Ginzburg (1989, p. 44), podemos entender que, como “[...] cada elemento iconográfico é polivalente e, por conseguinte, pode dar margem a uma série de significações”, cada intérprete poderá montar o seu quebra-cabeça da forma que lhe convier.

Em razão das várias possibilidades de abordagens, essa especificidade das fontes imagéticas pode ser entendida como uma qualidade, mas também pode levar o pesquisador a sérios equívocos, pois a sua interpretação pode distanciar-se do contexto original da imagem. Assim, perguntamo-nos: como encontrar o caminho para uma conclusão próxima do original? Esse questionamento também é elaborado por Ginzburg e nos permite refletir acerca dos equívocos a que as fontes imagéticas podem levar o pesquisador. Por exemplo: “Como se faz para saber se num determinado quadro uma ovelha (suponhamos) representa Cristo, a doçura ou simplesmente uma ovelha?” (GINZBURG, 1989, p. 45). Segundo o autor, é o contexto que decide e, por isso, destaca a necessidade de se introduzir nas análises elementos de controle externos às criações artísticas, a exemplo da clientela a que se destinam.

Nessa perspectiva, podemos verificar que voltamos à delimitação inicial acerca da metodologia histórica. Em síntese, essa constatação vem estabelecer o elo necessário que constitui a totalidade

metodológica quando analisamos imagens. As imagens são registros históricos que, como as demais fontes, não podem ser analisadas fora de seu contexto histórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos as imagens como uma produção do homem, fruto do contexto histórico que influencia sua existência. Ao mesmo tempo, o imaginário coletivo analisado pela história é um dos conteúdos que favorecem a compreensão das diferentes sociedades. Em outras palavras, o estudo das imagens estabelece uma articulação consistente na perspectiva da História Social e das Mentalidades.

Dessa forma, a imagem é considerada como um registro dos múltiplos significados possíveis do contexto histórico que ela espelha e é produto. Assim, entendemos que uma mesma imagem pode gerar vários enfoques e significados, o que é possível justamente pelo caráter visual, não textual, das peças. A observação e a análise dos elementos que existem nas imagens têm o objetivo de refinar a capacidade subjetiva da pessoa de maneira à produção imagética que pode, além de registrar elementos importantes do processo de educação dos homens, gerar a sensibilização a ponto de, reciprocamente, ser educação e fonte do processo de formação social. É, pois, por estes múltiplos aspectos que a imagem e, por conseguinte, a metodologia imagética, constituem-se uma possibilidade de estudo dentro da História da Educação.

REFERÊNCIAS

- BLOCH, M. **Introdução à história**. [S.l.]: Publicações Europa - América, 1974.
- BURKE, P. **Testemunha Ocular: história e imagem**. São Paulo: Edusc, 2004.
- CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Org). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CASTRO, H. História Social. In: CARDOSO, C.F; VAINFAS, R. (Orgs). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CETEAU, M. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- DUBY, G. **Para uma História das Mentalidades**. Lisboa, Terramar: 1999.
- FRANCASTEL, P. **A realidade figurativa**. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- HUGO DE SAINT VICTOR, **Didascálicon da arte de ler**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- PANOFSKY, E. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- SCHIMITT, J. **O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média**. São Paulo: Edusc, 2007.
- VAINFAS, R. História das Mentalidades e História Cultural. In: CARDOSO, C. F; VAINFAS, R. (Org). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

¹ Constatamos que a nomenclatura referente a essa forma de estudo é variada. Certeau (2008) informa que nos Estados Unidos, por exemplo, usa-se História Intelectual, na França, História das Mentalidades, mas é possível encontrar também História das Idéias e História do Pensamento. Com o intuito de padronizar nossas referências, usaremos a nomenclatura adotada pelos franceses.